

GENTE COMO A GENTE?

Texto extraído da revista SAPIENS

“Por fim, Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Domine ele os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e os répteis que rastejam sobre a terra.’” Está na Bíblia e faz parte da cultura ocidental. Há séculos estamos acostumados a pensar em nós mesmos como seres superiores, criados de acordo com um padrão divino. Animais eram os outros, nós nunca. No século 19, Charles Darwin e a genética nos ensinaram que não é bem assim. O naturalista britânico causa polêmica até hoje com a idéia de que somos apenas o resultado da evolução de outros bichos. Ele é amparado pelas análises de DNA. O código genético humano é tão parecido com o do chimpanzé, que uma equipe de cientistas americanos defende que esses macacos deveriam ser incluídos no gênero *Homo*. Agora, a ciência está derrubando, com uma velocidade espantosa, o último refúgio onde ainda nos sentíamos seguros: a mente. Estamos descobrindo que, em termos de inteligência, cognição e psicologia, não somos tão especiais. Os bichos não são assim tão diferentes de nós. Sabemos agora que os peixes, as aves, os animais domésticos, todos os animais selvagens e os répteis que rastejam sobre a terra têm memória, personalidade e linguagem. As formas de comunicação dos golfinhos são tão desenvolvidas, que se suspeita que eles tenham nome próprio – e, por definição, um ser capaz de dar nome a si e a seus semelhantes tem noção de identidade. Os golfinhos também mantêm tradições culturais, desenvolvidas em sociedade e transmitidas através das gerações. Os polvos desenvolvem a atividade repetitiva, e aparentemente inútil, usada por animais de grande inteligência para explorar o mundo e refinar suas habilidades motoras, que nós chamamos de brincar. Os primatas dominam um senso rústico de justiça e sentem ciúmes quando acham que não foram recompensados como deveriam. Também percebem quando outro bicho precisa de ajuda. Mais: um macaco tem consciência de existir. Diante de um espelho, ele percebe que aquela imagem que ele vê não é um outro bicho, mas seu próprio rosto. Um bicho que se reconhece como ser individual e entende que o outro precisa de ajuda não só tem psicologia própria, como está a um passo de entender a psicologia dos outros. O que significa que é provável que os macacos tenham empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro indivíduo e imaginar o que ele está pensando. Para isso, é preciso elaborar a chamada teoria da mente, algo que nós sempre consideramos uma capacidade exclusiva nossa.

Memória das galinhas

Aristóteles define cognição como o processo responsável por armazenar conhecimento, transformá-lo e resgatá-lo sempre que preciso. Nesses termos, galinhas e ovelhas têm cognição, porque memorizam e reconhecem até 100 faces diferentes. Muitos pássaros se lembram de uma foto por anos. Na hora de identificar e diferenciar dois objetos, pombas e humanos usam a mesma estratégia: localizam os componentes principais de cada um e fazem um mapeamento de sua organização espacial. Com a diferença de que os pombos prestam atenção a mais informações ao mesmo tempo, o que permite que eles façam vôos rasantes em busca de um grão minúsculo sem acertar nenhum poste no caminho. Os esquilos associam um cheiro a um animal ou a um alimento. Cada indivíduo emite vários cheiros diferentes, mas o esquilo é capaz de identificar o outro animal a partir de apenas um deles. Mesmo tendo um cérebro do tamanho de uma noz, o papagaio Alex, que vive em um laboratório em Massachusetts, nos EUA, entende o número zero, um conceito abstrato que as crianças só começam a compreender a partir dos três anos. Submetido a testes com cubos coloridos, Alex é capaz de usar a palavra inglesa “none” para indicar que não há na mesa nenhum objeto com determinada cor. Mas a capacidade cognitiva recém-descoberta nos animais não é tão impressionante, nem tão polêmica, quanto as notícias que nos chegam, quase todos os dias, dos laboratórios de psicologia comparada. Nos últimos anos, pesquisadores de todos os cantos do planeta localizaram traços de personalidade em chimpanzés, ovelhas, porcos-espinho, cobras corais, peixinhos de aquário, rinocerontes, lobos, zebras e porcos. Entre as moscas drosófilas, há os machos agressivos e os tímidos. Peixes acostumados a nadar próximos de predadores são menos ariscos ao contato com humanos do que aqueles que nunca se expuseram ao perigo. Ratos riem quando rolam no chão juntos – as risadas são vocalizações ultra-sônicas que evitam que o companheiro interprete mal a brincadeira. Camundongos fazem serenatas para conquistar as fêmeas. Neurologistas da Universidade de Washington

perceberam que aqueles guinchos que eles soltam são sequências sonoras complexas, com melodia e refrão.

Timidez em hipopótamos

A aplicação da palavra personalidade para animais não humanos é recente e provoca resistência. Alguns pesquisadores preferem falar em temperamento. Mas eles estão se tornando uma minoria. “Personalidade é o caráter de um indivíduo, definido a partir da forma como ele é visto pelos outros. Nesse sentido, animais têm personalidade, sim. Eles também oscilam entre dois extremos, a atitude proativa e a reativa”, diz o americano Roland Anderson, biólogo do aquário de Seattle e autor de algumas das mais interessantes pesquisas sobre cetáceos dos últimos anos. Independentemente da terminologia, o fato é que um hipopótamo tímido não se torna agressivo de um dia para o outro. “A diferença entre os animais e os homens é apenas de grau, não de gênero. Para nós, como para eles, é a personalidade que nos torna previsíveis e, por isso, socialmente confiáveis. A personalidade humana é apenas um pouco mais variada”, argumenta o psicólogo inglês Sam Gosling, professor da Universidade do Texas e fundador do Instituto de Personalidade Animal. Gosling aplicou a 34 hienas um teste muito parecido com o que é usado em humanos. O modelo descritivo mais usado em psicologia define que nós temos diferentes níveis de extroversão, altruísmo, criatividade, abertura a novas experiências e estabilidade emocional. As hienas apresentam quatro desses cinco traços. Os três primeiros deles são encontrados nos mamíferos, nos polvos e em alguns peixes. O único fator ausente na grande maioria das espécies é a estabilidade emocional, que no jargão de Freud é mais conhecida como superego, ou a capacidade de seguir normas sociais e controlar impulsos. Mas nem mesmo o superego é exclusivo nosso. Nós compartilhamos essa característica com os outros primatas. “Toda droga usada no tratamento de distúrbios emocionais e psiquiátricos em humanos foi primeiramente desenvolvida e testada em animais. Se os animais não tivessem padrões psicológicos parecidos com os nossos, todas as nossas pesquisas não fariam o menor sentido”, afirma Jaak Panksepp, o neurocientista nascido na Estônia que descobriu que ratos riem. A depressão também é facilmente encontrável no restante do mundo animal. “A inadequação entre a nossa personalidade e o mundo que nos cerca é que gera frustração. O conflito entre as tendências inatas e o ambiente provoca ansiedade e depressão. Isso acontece entre os animais o tempo todo”, defende o psicólogo Vanner Boere Souza, professor da Universidade de Brasília. Elefantes órfãos, que perderam os pais em caçadas, estão atacando vilas na África e na Índia com uma agressividade incomum que um pesquisador credita ao estresse pós-traumático. Ratinhos de laboratório são vítimas constantes de depressão. Depois de permanecerem trancados por vários dias, eles costumam ficar encolhidos, com os pêlos arrepiados e sem reação a estímulos alimentares e sexuais. Agora, pense em um homem com depressão. Ele também fica encolhido, com os cabelos desgrenhados e sem vontade de comer. Poucos animais são tão estudados quanto os cães. Sabemos agora que eles detêm cinco traços bem marcados de personalidade, sendo que apenas um deles, a tendência à caça, é bem diferente do dos humanos. Os cientistas perceberam ainda que os cães têm uma capacidade extraordinária de acompanhar movimentos rápidos com os olhos. Eles aprendem tanto através do olhar que se tornam capazes de antecipar os movimentos dos seus donos. Se o dono vai na direção de um cão para abraçá-lo ou para brigar, ele percebe antes e antecipa a reação. Provavelmente por causa dos dez mil anos de convívio, os cachorros são os animais que melhor nos conhecem. Durante os testes em que um homem desconhecido tenta mostrar com os olhos onde está a comida, eles parecem interpretar as situações propostas como formas de comunicação, e não como desafios reais, coisa que só macacos com muito tempo de convívio com humanos fazem. “Se a nossa relação com os cães é tão bem-sucedida, é porque eles nos ‘escolheram’: fizeram as adaptações físicas e emocionais necessárias para conviver pacificamente conosco” diz o professor Vanner.

Animais pensam?

Os animais exercem um grande fascínio sobre nós, e os cientistas que se dedicam a eles parecem vibrar com os resultados favoráveis aos bichos. Mas alguns pesquisadores questionam esses trabalhos. Dizem que, na hora de dar aos animais novas características, os colegas procuram as definições mais abrangentes possíveis para termos sempre difíceis de explicar, como personalidade, consciência e cultura. Também alegam que é muito difícil

interpretar as reações dos animais sem correr o risco do antropomorfismo – que é o nome dado, nesse caso pejorativamente, à tendência de aplicar características humanas a outros seres. “É certo que os animais são muito mais complexos do que imaginávamos, mas é preciso tomar cuidado quando tentamos compará-los a nós. Jamais saberemos ao certo o que se passa na cabeça de um elefante, simplesmente porque não fazemos idéia de como é ser um”, alega o psicólogo americano Clive Wynne, professor da Universidade da Flórida. A reação desconfiada de parte dos pesquisadores tem raiz em René Descartes (1596-1650). Ao definir os seres humanos a partir da fórmula do “penso, logo existo”, o matemático francês relegou o resto dos animais a um segundo plano intelectual. Descartes dizia que a mente dos animais funciona como uma máquina, e que nenhum bicho é capaz de ter sentimentos ou de desenvolver uma teoria da mente. Esse raciocínio está na raiz da psiquiatria freudiana, que desconsidera a base biológica da mente. Sustenta também as pesquisas com animais de grande parte do século 20. Enquanto o behaviorismo de Frederic Skinner (1904-1990) foi dominante, principalmente nas décadas de 40 e 50, o comportamento era tido como uma característica externa, provocada pela reação a estímulos. O curioso é que os behavioristas criaram os métodos de avaliar aspectos cognitivos dos animais que são usados até hoje. Tudo o que a nova geração de pesquisadores pró-animais precisou fazer foi aplicar essa metodologia e mudar a filosofia. Esta eles foram buscar em conceitos populares já no fim do século 19, e que tinham sido soterrados pelo próprio behaviorismo. Na mesma época em que percebíamos, assustados, que não somos nada mais do que macacos que deram certo, uma ciência emergente, dedicada à psicologia humana, falava abertamente em emoções e personalidades distintas em animais. O próprio Darwin publicou, em 1872, o livro *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*, em que ele aplicava os conceitos evolucionistas à psicologia. “Qualquer um que já tenha se ocupado de crianças”, escreveu ele, “deve ter percebido com que facilidade elas apelam para as mordidas quando exaltadas. Parece tão instintivo nelas quanto em filhotes de crocodilo que, mal saídos dos ovos, já dão dentadas com suas pequenas mandíbulas”. Nessa obra, ele defende sem constrangimento a idéia de que os insetos sentem ciúmes e que o riso e o medo são bem mais antigos, em termos de evolução, do que as lágrimas, e por isso tão poucas espécies choram. “A psicologia só faz sentido no contexto da evolução. As espécies aprimoraram seu comportamento de forma a resistir melhor à seleção natural. Não deveríamos nos surpreender com o fato de que vários traços de personalidade não são exclusivos de seres humanos”, diz Sam Gosling. E, por alguns anos, até que Freud e Skinner dominassem a academia e transformassem o conceito de psicologia animal em algo um tanto ridículo e marginalizado, as pessoas realmente não se surpreenderam com a idéia. Era uma época em que europeus abastados voltavam de viagens à África com chimpanzés na bagagem, para serem criados como bebês crescidos. Em 1908, as livrarias vendiam obras como *Sobre os Sentidos, os Instintos e a Inteligência dos Animais, com Referência Especial aos Insetos*, de John Lubbock. Um dos manuais de psicologia mais conhecidos nos EUA, *Guia de Bolso da Psicologia Social*, dedica um quarto de sua edição de 1935 a descrever o comportamento de animais. Com seu livro sobre as expressões das emoções nos animais, Darwin fundou a Etologia, a ciência que estuda o comportamento animal. Até 1970, os etólogos se dedicaram a estabelecer parâmetros de comparação entre espécies. Nesse ano, o inglês John Crook defendeu que os animais tinham que ser estudados dentro de seu contexto social, uma linha de pensamento que hoje domina a Etologia. Foi nessa época, também, que os estudos com primatas se tornaram importantes e populares. A antropóloga britânica Jane Goodall mostrou que os chimpanzés e os bonobos africanos são capazes de usar ferramentas, e identificou neles cultura, raciocínio e capacidade de aprendizado – nada mais distante do conceito cartesiano de que eles não passam de máquinas. Foi ela quem criou o hábito, controverso na época e muito comum hoje, de dar nomes, e não números, aos animais pesquisados.

E agora?

Certo, somos todos animais, e muito parecidos. Mas isso não significa que nada diferencia você de um rato? Calma, por enquanto ainda sobraram algumas barreiras. Duas, na verdade. Até onde se sabe, só os seres humanos têm a capacidade de pensar no futuro a longo prazo. A outra característica é a mais importante: a linguagem. Os outros animais se comunicam, mas nenhum deles foi capaz de criar sociedades tão complexas como a nossa. “Somos especiais, não há dúvida”, defende César Ades, professor da Universidade de São Paulo e precursor da Etologia no Brasil. “Uma simples caderneta de telefone guarda uma complexidade intelectual e

social única. Mas a questão é outra. Temos que sair do isolamento cartesiano em que nos colocamos e reconhecer que cada espécie animal tem suas próprias capacidades. Não somos superiores.” Se não somos superiores, temos que repensar o jeito de lidar com os outros animais. Já começamos, quando passamos a tomar cuidado na hora de usá-los como cobaias. César Ades se lembra de quando, nos anos 60, seu professor de veterinária abriu um cachorro vivo na sala de aula. Quando o coitado se debateu, mexendo as patas como quem acena, o professor fez piada: “Já vai? É cedo, fique um pouco mais”. Em termos de pesquisas cognitivas, por outro lado, os animais são cada dia mais importantes. “Agora que sabemos o quanto somos parecidos, as outras espécies podem nos ajudar a entender a importância da genética na definição da personalidade e saber até que ponto é possível mudar de comportamento”, defende Sam Gosling. Para chegar a esse ponto, vamos ter que olhar com mais humildade para os nossos colegas do reino animal.